

## A TRÍADE DO “TEMPO PRESENTE” EM AGOSTINHO DE HIPONA

MARCOS VINÍCIUS MADRUGA VAZ;  
MANOEL LUÍS CARDOSO VASCONCELLOS<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – marcosvaz.ufpel.filosofia@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – manael.vasconcellos@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objetivo principal o estudo do pensamento filosófico de Agostinho de Hipona (354-7430) sobre a metafísica do tempo, sobretudo, em sua concepção triádica do “tempo presente” desenvolvida no Livro XI das *Confessiones* (397-401). Em segundo plano, o alvo foi avaliar a progressão conceitual da inter-relação entre tempo e mente (*mens*) desenvolvida nos escritos filosóficos. A investigação ainda demonstrará a possível originalidade de Agostinho no campo da metafísica através da proposição de uma teoria subjetiva do tempo.

Quid est enim tempus? (Que é, pois, o tempo?). Quid est ergo tempus?” (O que é, por conseguinte, o tempo?). Este duplo questionamento agostiniano deveras não é sem sentido. A primeira proposição almeja tratar sobre a essência ontológica do tempo; a segunda, busca desenvolver as suas percepções sobre a natureza do tempo dentro do complexo construto existencial da criatura humana enquanto *imago Dei*. Nesta hábil investigação intelectual – que RUSSELL (1969, p. 54) designa de “filosofia pura” –, Agostinho propõe com grande meticulosidade dialética que, ainda que se possa aceitar a noção clássica de que há tipos distintos de tempo, não se deve considerar que existam apenas os conceitos de passado como tempo ‘longo’ e futuro como tempo ‘breve’. Aprofunda a questão inquirindo a partir do modo como ambos existem de acordo com a necessidade de terem de passar.

Contudo, reestrutura a teoria grega do tempo a partir da perspectiva seminal de que na verdade o tempo é inteiro em sua totalidade. Sendo inconcebível pensar o tempo como não-ser, assevera que de fato existe; ainda que seu movimento opere na esfera mental do sujeito. E este tempo ‘inteiro’, ainda que em movimento, não possui partes e nem mesmo há algum tipo de separação. A resposta à questão “Quid est ergo tempus?” é, portanto, concebida a partir da noção de unidade-indivisibilidade do tempo. E esta parte específica da teoria subjetiva do tempo em Agostinho, projetada no decurso da história da filosofia ocidental por intermédio de diversos pensadores modernos, aborda a questão filosófica do tempo sob uma nova percepção: a tríade do tempo presente. Em sua reflexão, percebe a carência de uma nova terminologia que seja utilizada a fim de corrigir equívocos conceituais clássicos. Por compreender que é um erro conceitual dizer, como exemplo, que “o tempo passado foi longo” – o que não é possível, pois a coisa em si já não existe desde o instante em que passou –, deve-se então formular o tempo entre o pretérito e o futuro levando em consideração uma outra estrutura conceitual.

Neste sentido, buscar-se-á demonstrar como a teoria subjetiva do tempo em Agostinho é apresentada nas *Confessiones* de maneira a demonstrar como consiste-se a tríade do “tempo presente”. A fundamentação teórica deste trabalho dar-se-á a partir das fontes primárias de Agostinho; cuja dialética empregada demonstra certa originalidade em seu pensamento sobre a proposta de que existem três tempos no “tempo presente”: *praesens de praeteritis*, *praesens de praesentibus* e *praesens de futuris* (*Conf.* XI, xx, 26). As obras complementares

elencadas apresentarão elementos filosóficos extraídos do *De magistro* (389), *De Trinitate* (399) e *De civitate Dei* (413-427); bem como contará com fragmentos textuais das pesquisas realizadas sobre o tema por parte de especialistas do pensamento filosófico agostiniano.

## 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico. Portanto, o trabalho que foi realizado, eminentemente teórico, ocorreu a partir da análise de textos específicos sobre o tema central da presente investigação. Após a coleta e seleção do material bibliográfico, o passo seguinte foi analisar detidamente as obras de Agostinho nos aspectos pertinentes a sua teoria subjetiva do tempo, suas fontes gregas e latinas, a especulação filosófica no debate sobre o tempo enquanto distensão – em contraposição a ideia clássica de extensão – e a formulação do seu peculiar sistema linguístico sobre o tema.

Em seguida, com vistas à conclusão da pesquisa, houve um estudo dos comentários críticos e artigos especializados selecionados.

A metodologia utilizada desenvolveu-se em três fases distintas, que se inter-relacionam em cada módulo temático:

(1) Levantamento bibliográfico das principais obras a serem utilizadas na pesquisa (bibliografia primária e secundária): a) Fontes: *Confessiones* (397-401), *De magistro* (389), *De Trinitate* (399) e *De civitate Dei* (413-427). b) Introduções e exposições gerais: “Santo Agostinho” (MATTHEWS, 2007), “Compreender Agostinho” (WETZEL, 2011), “Introdução ao estudo de Santo Agostinho” (GILSON, 2010), “Agostinho: conhecimento, linguagem e ética” (HORN, 2008), “Temas de Filosofia Agostiniana” (CAMPELO, 2013), “Agostinho e seus críticos: artigos em homenagem a Gerald Bonner” (DODARO; LAWLESS, 2013), “Agostinho” (MECONI; STUMP et al., 2016). c) Bibliografia específica: “Four Views of Time in Ancient Philosophy” (CALLAHAM, 1948), “Augustine and the Greek Philosophers” (CALLAHAM, 1967) e “Four Faces of Time in St. Augustine” (QUINN, 1992); bem como contará com citações de outros pesquisadores do pensamento filosófico de Agostinho de Hipona.

(2) Leitura de textos – Realizou-se a leitura dos livros e artigos escolhidos, além de outras fontes que enriqueceram a pesquisa; compilando a síntese dos argumentos filosóficos mais relevantes.

(3) Elaboração do Relatório Parcial e Final – Diante dos elementos filosóficos coletados na pesquisa foi elaborado um artigo a ser posteriormente publicado.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até aqui obtidos foram satisfatórios uma vez que se tornou possível com a pesquisa expor com exatidão a teoria subjetiva do tempo de acordo com Agostinho, distinguir a tríade do “tempo presente” como um sistema que opera na esfera da mente (*mens*) e determinar a plausibilidade dos argumentos em favor da originalidade do pensamento de Agostinho que o leva a ser considerado como o primeiro filósofo a desenvolver um conceito subjetivo de tempo na história da filosofia; teoria que recebeu grande atenção especialmente na filosofia do século XX.

Podemos ainda salientar a importância da leitura de registros específicos do décimo primeiro livro das *Confessiones* em sua tradução para o espanhol e italiano, em conjunto com o texto original em latim. Em um segundo plano da pesquisa foi possível compreender como as fontes agostinianas demonstram o progresso conceitual do autor sobre o tema a partir das referências extraídas do neoplatonismo presente nos escritos filosóficos. A leitura das obras agostinianas selecionadas como fontes primárias de pesquisa, bem como dos capítulos e artigos especializados sobre a teoria subjetiva do tempo de Agostinho, proporcionaram o suporte necessário para a devida conclusão da presente pesquisa.

#### 4. CONCLUSÕES

Considerar-se-á desde o princípio da pesquisa que jamais fez parte da proposta filosófica agostiniana desenvolver um amplo sistema teórico sobre a metafísica do tempo. Seu interesse primário diz respeito ao fenômeno do tempo em seu movimento na interioridade da criatura humana. Logo, uma vez tendo sido estabelecido esta marcação, buscar-se-á demonstrar em que medida é possível propor a originalidade filosófica do pensamento de Agostinho em sua teoria subjetiva do tempo.

Quanto a questão fundamental sobre o “tempo presente”, se demonstrará que Agostinho reconhece a posição de que o tempo da fato existe. Quando se analisa os elementos que fazem com que uma determinada coisa seja aquilo que constitui a sua essência distintiva, será possível compreender o motivo pelo qual afirma em sua especulação que a própria natureza do tempo é uma espécie de duração; definida pela maneira como se compõe os seus movimentos. E ao considerar as passagens do movimento do tempo, evoca a ideia de que na verdade o tempo é todo inteiro; sendo inconcebível pensar o tempo como não-ser.

De maneira específica, será traçado os elementos conceituais que nortearão a perspectiva de que este fundamento conceitual é que torna possível medir o próprio tempo. De forma enfática, assevera que não é possível medir o que não existe; ou seja, somente o tempo presente é passível de ser medido. Mas visto que o tempo presente não possui espaço, toma como verdade que somente é possível medi-lo enquanto passa. Havendo passado, já não é possível medi-lo. Por conseguinte, Agostinho passa a perceber o tempo como uma “certa distensão”. É interessante observar que não utiliza o termo “extensão”; tal qual fora utilizado por filósofos helênicos com o sentido de dimensão espacial. E justamente esta distensão que ocorre na alma, permite-lhe aceitar como possível a capacidade de medir a sucessão que ocorra a partir do “tempo presente”. Portanto, buscar-se-á identificar os elementos filosóficos sobre a tríade do “tempo presente”; sua posição lança as bases de uma metafísica sobre a experiência do tempo. Agostinho, inclusive, parece antecipar uma tese fundamentada por Kant e, mais tarde, investigada sob diversas perspectivas, demonstrando que o tempo não é uma mera propriedade do mundo, mas de nossa percepção do mundo; o tempo, portanto, não existe objetivamente na natureza, mas é constituído subjetivamente na alma.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

AGOSTINHO, S. **A Cidade de Deus**, vol. ii, livro ix a xv. Trad. F. Dias Pereira. - 4<sup>a</sup> ed. - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante; introdução de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **O Mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

### Capítulo de livro

BRACHTENDORF, Johannes. Livro XI: O tratado sobre o tempo; A vida no tempo e o desejo de eternidade; Panos de fundo antigos e recepções modernas do tratado sobre o tempo de Agostinho. In: **Confissões de Agostinho**. Trad. Milton Camargo Mota. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020. p. 293-330.

KNUUTTILA, Simo. Tempo e criação em Agostinho. In: MECONI, Davi Vicent; STUMP, Eleonore. (org.) **Agostinho** (The Cambridge Companion to Augustine). São Paulo: Ideias & Letras, 2016, pp. 113-130.

QUINN, John Michael. Tempo. In: FITZGERALD, A.D. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018. pp. 911-916.

RUSSEL, Bertrand. Filosofia e Teologia de Santo Agostinho. In: **História da Filosofia Ocidental**, Vol. II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 54-56.

### Documentos eletrônicos

TORNAU, Christian, Augustine of Hippo. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Summer 2024 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.); Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2024/entries/augustine>. Acesso em: 03 out. 2024.

CALLAHAN, John Francis. **Four Views of Time in Ancient Philosophy**. New York: Harvard University Press, 1948. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/philosophy/article/abs/four-views-of-time-in-ancient-philosophy-by-john-f-callahan-harvard-university-press-london-geoffrey-cumberlege-pp-ix-209-price-16s/6A4A03B3321E5D4BF6BEA56E15DE7074>. Acesso em: 12 jul. 2024.

QUINN, John M. Four Faces of Time in St. Augustine. In: **Recherches augustiniennes**. vol. 26 (1992) p. 181-231. Disponível em: <https://www.brepolsonline.net/doi/epdf/10.1484/J.RA.5.102291?role=tab>. Acesso em: 05 mai. 2024.